

## O ÚLTIMO SUSPIRO: AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM BREJO DO CRUZ- PB

**Francimeire Gomes Monteiro**

Mestranda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

francimeiremonteiro@hotmail.com

### **RESUMO:**

Nosso principal objetivo neste trabalho foi perceber quais as práticas e representações da morte eram comuns em Brejo do Cruz-PB até meados do século XX. Para isso fizemos um estudo etnográfico, no qual realizamos algumas entrevistas com idosos que viveram a maior parte de suas vidas em Brejo do Cruz. Para desenvolvermos esse trabalho, nos baseamos no que diz Clifford Geertz sobre a etnografia. Realizamos entrevistas e depois buscamos fazer uma descrição densa do material selecionado, ou seja, fizemos uma leitura dessas entrevistas, pois entendemos que o material produzido através das entrevistas não é uma história pronta, mas uma fonte a ser analisada pelo historiador, estando este atento ao tratamento específico que as fontes orais requerem. Depois de termos feito algumas entrevistas com os idosos, passamos a analisar esses documentos, tentando entender como eram realizados os ritos fúnebres em Brejo do Cruz até meados do século XX e quais representações os brejocruzeses tinham da morte. Ao analisarmos as entrevistas notamos que até meados do século XX, as pessoas se preocupavam muito em realizar os ritos fúnebres, pois temiam que a alma daquele que havia partido não descansasse. Os cuidados tomados pela família para com o morto para que este descansasse em paz estava ligado ao medo de que a alma ficasse “penando”, ou seja, algo relacionado a um imaginário religioso, algo diferente do que percebemos em alguns rituais realizados atualmente em Brejo do Cruz nos quais as famílias parecem mais preocupadas em falar sobre o morto e da dor da despedida causada pela morte. Portanto compreendemos que, Aries se enganou ao afirmar no livro “História da morte no Ocidente”, que no século XX em todo o Ocidente a morte foi interdita (silenciada), pois em Brejo do Cruz até meados do século XX não identificamos essas características. De acordo com os relatos orais entendemos que a morte nesta cidade do sertão paraibano até meados do século XX pode ser classificada

como morte domesticada, termo criado pelo próprio Ariès para denominar a morte que acontece em casa na presença dos familiares e amigos.

Palavras chave: Morte; Representação; História Oral.

## INTRODUÇÃO

O nosso interesse em trabalhar questões relacionadas a morte, tema que, muitas vezes, causa medo ou indiferença partiu de algumas leituras do livro de João José Reis “A morte é uma festa”(1991) que despertou nossa curiosidade em pesquisar sobre os ritos fúnebres em Brejo do Cruz. Ao iniciarmos a pesquisa tivemos acesso a algumas leituras que eram imprescindíveis para quem se interessava em estudar a morte, sendo “A história da morte no Ocidente”, de Philippe Ariès, uma dessas leituras que mais nos chamou atenção, pois nesse livro o autor afirma que muitas práticas relacionadas a morte teriam desaparecido no século XX em todo o Ocidente, e no entanto, tais práticas apontadas pelo autor ainda permaneceram em Brejo do Cruz durante o século XX e algumas delas ainda hoje existem.

Os estudos sobre a morte nem sempre foram possíveis no campo historiográfico, pois durante muito tempo os historiadores se preocuparam com os aspectos políticos, sociais e econômicos, classificando as questões culturais como “sem importância”. Assim, a morte só foi pensada como um objeto de estudo da história após a década de sessenta, quando outras disciplinas das ciências sociais tentavam abalar a posição “dominante da história”. Segundo Chartier (1988):

A resposta dos historiadores foi dupla. Puseram em prática uma estratégia de captação, colocando-se nas primeiras linhas desbravadas por outros. Daí a emergência de novos objectos no seio das questões históricas: as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, as modalidades de funcionamento escolar, etc. (CHARTIER, 1988, p.14).

Percebemos que foi a partir de uma aproximação com outras disciplinas, principalmente com a antropologia que a morte passou a ser trabalhada pelos historiadores. A partir desses trabalhos foi possível pensar que as práticas e

representações da morte variam de acordo com o tempo e espaço nos quais homens e mulheres estão inseridos, fazendo com que percebamos que essas práticas e representações nada têm de naturais.

Para melhor compreensão deste trabalho é necessário uma explicação do que entendemos por práticas culturais:

De certa maneira, temos aqui a cultura objetivada, o conjunto de obras, realizações, instituições, que conferem originalidade e/ ou autenticidade à vida de um grupo humano, inclusive seus usos e costumes, nem sempre imediatamente de todos (FALCON, 2002, p. 60).

Esse conceito é importante para pensarmos os usos e costumes que fizeram parte dos ritos fúnebres em Brejo do Cruz, já que esses são realizados com certas especificidades em relação ao que afirmou Philippe Ariès sobre a morte no Ocidente. Trabalhamos este conceito estando intimamente ligado ao conceito de representação, pois as práticas culturais aqui tratadas não são realizadas sem um sentido para aqueles que as exercem:

‘Mesmo as representações coletivas mais elevadas só tem uma existência, isto é, só o são verdadeiramente a partir do momento em que comandam actos’, que tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades, tanto a dos outros como a sua. (CHARTIER, 1988, p.18).

As representações motivam os sujeitos a se comportarem de determinada forma, a exercerem certas práticas diante da morte e dos mortos. Esses conceitos nos ajudam a pensar e buscar compreender como as pessoas que viveram até meados do século XX agiam diante da morte.

## **AS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES DA MORTE EM BREJO DO CRUZ-PB**

As atitudes diante da morte foram bem estudadas por Philippe Ariès e foi com base na obra “História da morte no Ocidente” que percebemos que em Brejo do Cruz as práticas e representações da morte tinham certas especificidades. Segundo Ariès durante o século XX, a morte domesticada já não existe, o que prevalece é o que ele denominou de morte interdita, ou seja, a morte silenciada:

Hoje, à necessidade milenar do luto, mais ou menos espontâneo ou imposto segundo as épocas, sucedeu, em meados do século XX, sua interdição.

Durante o espaço de uma geração, a situação foi invertida: o que era comandado pela consciência individual ou pela vontade geral é, a partir de então, proibido, o que era proibido, é hoje recomendado. Não convém mais anunciar seu próprio sofrimento e nem mesmo demonstrar o estar sentindo (ARIÈS, 2003, p. 251).

Ao analisarmos as entrevistas não percebemos essa morte interdita, ao relatarmos sobre como aconteciam os ritos fúnebres, os idosos nos faziam entender que havia uma preocupação muito grande com a realização desses ritos, sendo o choro algo bem presente.

Em relação aos estudos sobre a morte que tratam do Brasil no século XIX a obra de João José Reis “A morte é uma festa” (1991) é importante para entendermos, tomando como referência a cidade de Salvador, o imaginário da morte no Brasil e a especificidade dos ritos fúnebres realizados em Brejo do Cruz. Reis analisa em sua obra muitas práticas fúnebres existentes em Salvador no século XIX e algumas dessas práticas parecem persistir no século XX em Brejo do Cruz, como é o caso das regras de luto. De acordo com este autor:

O luto, segundo a legislação civil colonial, devia ser usado durante seis meses por conjugues, pais, avós, bisavós, filhos e netos e bisnetos [...] No século XIX, essas regras estavam em desuso, se é que foram algum dia seguidas (REIS, 1991, p.133 ).

É curioso que para Reis as regras de luto pareciam em desuso no século XIX em Salvador, e, no entanto em Brejo do Cruz até meados do século XX, segundo alguns moradores da cidade, essas regras eram seguidas e aqueles que não as seguiam eram vistos pela sociedade como alguém sem sentimento. Então a obra de Reis nos possibilitou perceber quais as práticas comuns no século XIX que persistiram ao longo do século XX.

Os ritos fúnebres realizados em Brejo do Cruz até meados do século XX nos lembra o que Philippe Ariès denominou de morte domesticada, porque mesmo não havendo tanto planejamento para a morte, esta raramente acontecia de forma solitária, vejamos o que a senhora Sebastiana disse a respeito de como eram realizados os ritos fúnebres no sítio Canadá:

Ah, de primeiro minha filha quando morria uma pessoa botavam uma esteira no chão, depois forravam e botavam o defunto. Ai quando era pra enterrar ai botava na rede, cortava os paus, ai fazia aquela grade, aquela grade bem grande assim, meio comprida assim, dessa largura e amarrava os punhos da rede um do lado e outro do outro lado, ai saia com ele no ombro para enterrar. (Sebastiana Pereira, 88 anos, data: 26/01/2010).

Podemos perceber que havia muita dificuldade para realizar uma cerimônia fúnebre na zona rural, principalmente por causa da longa distância que era preciso percorrer para se chegar a cidade e enterrar o defunto.

Aí tinha vez que a gente ia numa estrada e quando dava fé lá vinha aquele homem a cavalo na frente e atrás vinha uma multidão de gente que iam levando o defunto, quando um cansava, ai o outro descia do cavalo e pegava. Olhe na Pinheira, onde Rita morava amanhecia o dia ia para o curral tirava um carneirão grande, matava e fazia o almoço pra o povo e quando terminavam de almoçar acunhavam, não sei como não morriam na quentura (Maria do Céu Linhares, 66 anos, data: 19/01/2010).

Mas as dificuldades não eram apenas para levar o defunto a cidade, anunciar a morte nos sítios vizinhos era uma árdua tarefa. Notamos que se dava muita importância as visitas dos conhecidos e ir aos velórios era como uma obrigação das pessoas que moravam nos sítios vizinhos.

Segundo o senhor Manoel quando morria alguém todas as pessoas que moravam perto iam ao velório, porque achavam que se não fossem tanto ofenderiam a família, como ao defunto, por isso tinham como obrigação ir visitar o morto, esta atitude também era sinal de respeito e consideração pela família. Nos sítios, devido a ausência de padres, algumas pessoas são encarregadas de falar palavras, que segundo a senhora Sebastiana, ajudava a morrer:

Eu me lembro no dia que a finada Mocinha morreu era compadre Bianor ajudando, dizendo aquelas palavras e enquanto ela respirou, ela custou a morrer, ela era só dizendo “perdoai Senhor”, até ninguém ouvir mais. Falou até morrer. Era compadre Bianor dizendo as palavras e ela pedindo perdão a Deus. Foi até a gente só ouvir ela cochichando. Morreu pedindo perdão a Deus, eu me lembro como se fosse hoje (Sebastiana Pereira, 88 anos, data: 26/01/2010).

Com isso, percebemos que a morte também representava para muitas pessoas na primeira metade do século XX uma passagem para um outro lugar, que poderia ser bom ou ruim, dependendo da vontade de Deus e dos atos que a pessoa tinha praticado durante sua vida e nos seus últimos instantes, é o que parece acreditar a senhora que

estava prestes a morrer, já que dizia tantas vezes “perdoai Senhor”, como se seu julgamento estivesse próximo:

[...] Creio que houve o desligamento dos fiéis da pedagogia do ‘bem morrer’, não significa, contudo, que eles não procurassem morrer bem, mas sim que não mais estavam dispostos a seguir todos aqueles passos ensinados pela Igreja, nos quais perpassavam o medo e a necessária presença da instituição, de seus agentes e de seus rituais, no sentido de proporcionar segurança aos moribundos que ela mesma havia tornado agoniados na iminência da morte (RODRIGUES, 2005, p. 349).

Concordamos com a autora no que diz respeito ao desaparecimento de todo aquele ritual que antecedia a morte e que a Igreja controlava. Parece que nos sítios de Brejo do Cruz, as práticas de bem morrer ainda existiam, só que na maioria das vezes sem a presença de padres, contudo se estes não estavam presentes não era porque o moribundo não queria, e sim pelas dificuldades de se chegar até o sítio. É interessante percebemos como, na ausência de padres, as pessoas vão autorizar certos indivíduos a exercer uma função que antes era exclusiva dos eclesiásticos.

Segundo a senhora Maria do Céu, ajudar a pessoa a morrer era apenas rezar, talvez rezas que a maioria das pessoas desconheciam, por isso aqueles que sabiam se destacavam, ficando conhecidos como “aquele que sabe ajudar a morrer”. Esta senhora nos falou como era uma dessas rezas: “*O nome de Jesus tão bonito é, levai essa alma que ela vossa é e sempre há de ser, levai essa alma quando ela morrer*”.Essa era uma das rezas que “ajudava a morrer”, mas esse ritual não era feito só de rezas, a vela também era muito importante no momento da agonia, e esta prática ainda hoje é realizada em Brejo do Cruz.

Na cidade quando uma pessoa morria o anúncio da morte era feito através dos sinos da Igreja. Já nos sítios estes anúncios eram feitos por pessoas que saíam nos sítios vizinhos às vezes de bicicleta, a cavalo, e quando não tinham como locomover-se com maior rapidez, iam a pé.

Quando eu morava no sítio, saía uma pessoa a cavalo ou de bicicleta, quando aparecia um cavalo era o cavalo, quando aparecia a bicicleta era de bicicleta. Saíam em todos os sítios. Se fosse de noite iam dois ou três e saíam no meio do mundo. Na Santa Rosa quando morria alguém o primeiro canto que iam avisar era no Monte Formoso que era onde morava gente da nossa família, o povo de tia Petronica. Ai Monte Formoso, Sítio dos Buzios, na Santa Rosa de cima, Boa Esperança, nesses lugares todos saíam avisando (Maria do Céu Linhares, 66 anos, data: 19/01/2010).

Todo esse esforço em avisar as pessoas que conheciam o defunto para que estes fossem para o velório “fazer quarto” como dizem os idosos nos faz pensar o quanto era importante para a família a presença de outras pessoas. Segundo a senhora Francisca, as pessoas sempre iam para os velórios e lá ficavam a noite toda, *“não é como hoje que as pessoas vão olhar e voltam”*.

Mas de acordo com o Senhor Manoel (79 anos) as pessoas não iam ao velório apenas para ficar olhando para o defunto ou consolar a família, muitos iam para beber cachaça, pois ao ser anunciada a morte de alguém imediatamente a família mandava comprar cachaça, o que era um atrativo para aqueles que gostavam de beber. *“Os velórios eram momentos em que as pessoas bebiam muita cachaça, era como uma tradição. Muitos que passavam a noite bebendo, na hora do enterro já estavam embriagados”*. Essa prática de beber durante o velório era conhecida como “beber o morto”.

Nesse tempo poucas pessoas podiam comprar caixões, por isso, o defunto terminava sendo carregado em redes, e esta tinha que ser branca, talvez a cor branca da rede representasse um caminho de paz para o morto. Carregar o defunto nessas condições era uma árdua tarefa, por isso era preciso muita gente para que quando um ficasse cansado, outro retomasse a caminhada.

Ao que tudo indica e tomando como base os relatos das senhoras, ao longo da primeira metade do século XX em Brejo do Cruz acreditava-se que o contato com o cadáver representava uma ameaça, era como se o defunto tivesse o poder de transmitir a morte. Vejamos o que diz Dona Sebastiana:

Eu me lembro que o finado Rola quando morreu, ele morreu de câncer. O finado Raimundo, irmão de Zé Canadá foi bater em Santa Tereza<sup>1</sup> e trouxe a rede e mandou dona Tereza lavar e dormiu até se acabar e não teve nadinha, ele veio morrer quando estava morando aqui em Brejo (Sebastiana, 88 anos, data: 26/01/2010).

Com isso, percebemos que poucas pessoas tinham a coragem de deitar em uma rede na qual um defunto tinha sido carregado, por isso a Senhora Sebastiana fala com um certo espanto da atitude desse senhor chamado Raimundo e principalmente por ele

---

<sup>1</sup> Cemitério localizado entre Belém do Brejo do Cruz e São José.

não ter morrido logo depois de deitar na rede. Talvez o fato de o homem que foi enterrado na rede ter morrido de câncer tenha influenciado as pessoas a pensarem que algum mal iria acontecer ao senhor Raimundo, já que esta doença assustava tanto.

As missas fúnebres que no Brasil oitocentista eram tão celebradas, e tão pedidas pelos moribundos, em Brejo do Cruz em meados do século XX, nem sempre eram realizadas, principalmente para quem morava nos sítios mais distantes, mas segundo a senhora Maria do Céu:

[...] Missa de corpo presente era só pra quem era rico. Os pobres quando chegavam aqui, iam direto para a Igreja. As vezes o padre ia e encomendava o corpo, colocando aquela água benta e fazendo aquelas orações. Se se matasse com as mãos ou morresse envenenado não entrava na Igreja. Se fosse assim o padre vinha e encomendava do lado de fora (Maria do Céu Linhares, 66 anos, data: 19/01/2010).

Podemos notar que nem todas as pessoas que morriam tinham uma missa de corpo presente, porque se no Brasil Oitocentista existiam as Irmandades Religiosas que se encarregavam de realizar os ritos, mesmo dos mais pobres, na primeira metade do século XX não existiam essas instituições em Brejo do Cruz (no caso as irmandades religiosas) e por isso quem não tinha dinheiro para mandar celebrar a missa, não tinha a quem recorrer, e eram enterrados sem a celebração da missa.

Se esta missa era vista como algo importante para o destino da alma, em situação pior que a dos pobres estava aqueles que assassinaram ou suicidaram-se, pois estes nem na Igreja entravam, ficavam do lado de fora. De acordo com a senhora Maria Aranha (64 anos) *“não era permitido que essas pessoas entrassem porque assassinar e suicidar-se eram vistas como “práticas do demônio”, por isso o destino dessas pessoas, já parecia certo, para um bom lugar não iriam”*.

Durante as entrevistas pessoas idosas falaram das dificuldades que enfrentavam para realizar os ritos fúnebres e também das dificuldades de sobrevivência naquele tempo, principalmente os que moravam nos sítios. A senhora Maria do Céu fala da falta de objetos nos velórios:

O defunto era o seguinte: pegava botava uma esteira e botava no chão. Ai pegava os tambores e colocava as velas, acendia as velas dentro de xícaras cheias de areia. Ah, hoje tem tudo, tem tudo quanto é bom pra quem morre. O prefeito dá tudo, naquele tempo a gente nem conhecia o prefeito.



Assim, uma das diferenças entre os ritos fúnebres de meados do século XX e os de hoje, segundo a senhora Maria do Céu é que atualmente o prefeito dar caixões, ou algum dinheiro para a realização do funeral, o que sabemos, é claro, que essa política “assistencialista” não é desinteressada, pois espera-se que o seu “favor” seja recompensado nas eleições. Segundo a senhora Maria do Céu essa política assistencialista é algo recente, no tempo em que ela era adolescente não tinha a quem pedir ajuda, por isso esses rituais aconteciam com os objetos que tinham em casa, que eram em sua maioria muito simples. Mas a simplicidade da cerimônia não tirava a importância que esta representava para o grupo familiar.

Não trabalhamos com a idéia de que esses ritos eram homogêneos, sabemos que nem todas essas cerimônias eram simples, havia variações de acordo com as condições financeiras das pessoas. A partir de algumas falas dos entrevistados, percebe-se que nos sítios essas cerimônias, eram mais simples, já na cidade esses ritos eram diferentes. Vejamos:

Era diferente porque na cidade era diferente, já tinha missa, porque tinha padre. Quando morria alguém os sinos da Igreja tocavam como forma de avisar a morte. Algumas pessoas já se enterravam em caixões, quem tinha mais condições, mas ainda enterrava-se em redes. Muitas pessoas que tinham condições de comprar o caixão, após o sepultamento deixava no cemitério para que pessoas mais pobres pudessem ser carregadas ao cemitério. Já existia coveiro... O coveiro da cidade era o senhor Maia. Antigamente quando não existia coveiro, eram as pessoas que iam ao enterro quem cavavam e enterravam o defunto (Manuel da Silva, 79 anos, data: 14/01/2010).

Segundo o senhor Manoel na cidade havia mais facilidade no procedimento dos ritos fúnebres, pois a forma de avisar a morte era mais simples, enquanto nos sítios percorria-se longas distâncias para avisar aos conhecidos do morto nos sítios vizinhos. Na hora da agonia era mais fácil a presença de um padre. Havia caixões, embora não sendo para todas as pessoas. Não se andava tanto para chegar ao cemitério. E mesmo nos ritos realizados na cidade existiam diferenças dependendo principalmente das condições financeiras das pessoas.

Foi possível notarmos a partir da análise das entrevistas que até meados do século XX, as pessoas se preocupavam muito em realizar os ritos fúnebres, pois temiam que a alma daquele que havia partido não descansasse. Portanto percebemos que, Aries

se enganou ao afirmar que no século XX em todo o Ocidente a morte foi interdita (silenciada), pois em Brejo do Cruz até meados do século XX não identificamos essas características.

#### **REFERÊNCIAS:**

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CHARTIER, Roger. Por uma Sociologia histórica das práticas culturais. In: **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora DIFEL, 1988, p. 13-28.

FALCON, Francisco José Calazans. História Cultural ou História da cultura?. In: **História Cultural: Uma visão sobre a sociedade e a cultura**. Rio de Janeiro: Campus, 2002, p. 57-71.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

REIS, J. J. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIEDL, Titus. **Últimas Lembranças: retratos da morte no Cariri, região do Nordeste brasileiro**. São Paulo: Annablume, Fortaleza: Secult, 2002.

RODRIGUES, Cláudia. Em torno da secularização: uma lição que foi esquecida. In: **Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.309-353.

SANTHIAGO, Ricardo. Da fonte oral à história oral: debates sobre legitimidade. **Saeculum- Revista de História**, João Pessoa: Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, nº 18, Jan/Jun. 2008.

VOVELLE, Michel. Lugares e ritos fúnebres desde o século XIX até os nossos dias. In:  
**Imagens e Imaginário na História**. Editora Ática: São Paulo, 1997, p. 349-365.